

a história de dois séculos e as suas inverosímeis maravilhas». A ideia de que a pátria vivia, a ideia a que se agarrava numa ânsia de desespero, era de fazer reviver o passado, de «alguem» conseguir êsse milagre; e por isso se era passadista; porisso se acreditava na vinda do «Encoberto» que operaria êsse milagre!

Alguns membros da nobreza que em 1580 se vendera a Castela, que durante a dominação castelhana auferia dos seus reis largas perbendas, que «vendia esta terra ao estrangeiro, enquanto a canalha, a vilanagem, combatia e morria nas espadas e lanças dos soldados do duque Dalba», (Herculano) um dia, êsses membros descontentes, mais movidos pelo despeito do que por patriotismo, tomaram a chefia da vilanagem, sempre pronta a lutar contra o opressor, e fizeram a revolução de 1640. Mas a terra é cada vez mais desprezada, a indústria incipiente é forçada a abdicar perante o artefacto inglês, a ruína económica acentua-se progressivamente no país, só minorada, mais tarde, com o ouro e os diamantes do Brasil.

No campo mental não se descortina que a crise dê indícios de melhoramento; antes pelo contrário, com 1640, o messianismo assenta arraiais, o passadismo, á falta de melhor, forja um passado mirífico e remotíssimo para a nacionalidade. O clima mental da restauração era tal, que um espírito como o de Vieira se deixou naufragar nele, tomando um aspecto de visionário, de alienado, ao dizer, por exemplo, que D. João IV era o «Encoberto», e que havia de ressuscitar!...

O misticismo apareceu na nossa historiografia numa fase adiantada do quinhentismo, quando o futuro deixou de oferecer as perspectivas que até aí oferecera á nossa burguesia mercantilista e á nobreza militar, e os males da pátria eram motivo para sérias apreensões. A lenda do «Encoberto» é a objectivação mais concreta do estado de espírito dominante, e a-pesar-da forma grosseira que tomou, foi aceite por muitos dos melhores espíritos de então. O «Encoberto» era a imagem desfigurada dum passado que se queria fazer reviver, pois dele ficara a miragem falsa das riquezas do Oriente, e, numa atitude de desalento, como a dos «Pastores da Arcadia» no quadro de Poussin, procurava-se reconstituir êsse passado, não pelo esforço da grei e de cada

um, mas pela atitude passivista, mística, que nada mais era no fundo do que uma forma de desalento e desesperança. O «Encoberto» era o messias salvador de quem tudo havia a esperar: o oiro africano, as pedrarias do Oriente, a pimenta, a canela, as festas e o esplendor da côrte manuelina.

Era-se passadista porque se desejava voltar a um tempo de que só já restava saudosamente a lembrança na memória dos homens: era-se místico, porque sem coragem e sem vontade, se esperava de «alguém» a solução de todos os males que pesavam sôbre a nacionalidade. O fado a que agora se chama a canção nacional, devia ter nascido e medrado neste ambiente mórbido, pois é a canção fatalista do vencido, sem esperança de um dia vir a ser o vencedor.

A «Monarchia Lusitana», de Frei Fernando de Brito, é o produto nacional do meio que a traços largos tentamos esboçar; é um padrão bem evidente da menoridade intelectual dos portugueses no século dezassete (o século de Descartes e de Bacon!), o produto do isolamento em que Portugal vivia em relação ao mundo culto da época. A contra-reforma estabelecera «um cordão sanitário» que não permitia qualquer contacto com os valores progressivos da Europa, todos êles, segundo a Mesa Censória, mais ou menos eivados do espírito da Reforma, que o mesmo era dizer: do espírito de Satanaz... O resultado evidente desta política asfixiante, da censura constante ao que se pensava e dizia no país, e o desconhecimento do que de progressivo se realizava além fronteiras, foi a ignorância dos progressos operados em todos os sectores de actividade intelectual, pelos seus valores mais representativos, o que originou a formação em Portugal duma atmosfera de estufa, que não permitia o completo desenvolvimento e a plena floração dos espíritos de vanguarda.

A «Monarchia Lusitana» é um repositório de invencionices parvas, o produto lógico dum cérebro encandecido por um misticismo mórbido e por um nacionalismo dementado. Perante a moderna crítica histórica, a «Monarchia Lusitana» nada é e nada vale. Alexandre Herculano falando dela, de passagem, classificou-a de ridícula, e de facto, é êste o adjectivo que mais se coaduna com a contestura da obra. Ridi-